

## MOBILIDADE E COMPETÊNCIAS INTERCULTURAIS: DESAFIOS DOS PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO<sup>1</sup>

Gionara Tauchen<sup>2</sup>

Fabíola Machado Guedes<sup>3</sup>

Keller Rocha Matos<sup>4</sup>

Juan Carlos Terán<sup>5</sup>

Universidade Federal do Rio Grande-FURG, Brasil

No âmbito das instituições de ensino superior, especialmente as universitárias, é consenso, quase universal, de que a internacionalização está vinculada aos processos de qualificação deste nível, pois envolve o intercâmbio de conhecimentos, a criação de redes de investigação, a mobilidade docente e discente e o desenvolvimento de projetos de pesquisa internacionais. Conceitualmente, a internacionalização expressa significados polissêmicos, que vão desde a interação de experiências e investigações científicas entre os países, até instituições sem fronteiras, programas e serviços internacionais, intercâmbio educacional e cooperação técnica, interação intercultural e global, entre outros. Neste artigo, abordaremos a mobilidade no âmbito Programa Pró-Mobilidade Internacional, promovido pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil, junto à Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). Objetivamos, por meio de pesquisa qualitativa de cunho documental, mapear os países, as instituições e as áreas apoiadas pelo Programa e, posteriormente, por meio de estudo de caso, analisar as principais atividades e percepções de dez estudantes estrangeiros que participaram do Programa em uma universidade do sul do Brasil. Os resultados indicam que as atividades mais expressivas, no âmbito da mobilidade, foram a participação em seminários e disciplinas, as orientações para o desenvolvimento das pesquisas, o acesso aos acervos das bibliotecas, a participação em grupos de pesquisa e as atividades em laboratório. Concluímos que a mobilidade, no âmbito dos processos de internacionalização, precisa estar vinculada à política institucional de internacionalização, à promoção da infraestrutura das instituições e ao planejamento estratégico dos processos de recepção e de acompanhamento dos estudantes estrangeiros vinculados às ações de cooperação interinstitucional. Sugerimos que os processos de internacionalização, que envolvem mobilidade, sejam acompanhados por estudos das competências interculturais, os quais podem subsidiar programas de acompanhamento e de fortalecimento das experiências interinstitucionais.

Palavras-chave: internacionalização, mobilidade, competências interculturais, ensino superior

---

<sup>1</sup> Agradecemos as agências brasileiras de apoio à pesquisa: CAPES, CNPq e FAPERGS.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Diretora de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

<sup>4</sup> Licencianda em Letras, bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

<sup>5</sup> Doutorando em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

## MOBILITY AND INTERCULTURAL COMPETENCES: CHALLENGES OF INTERNATIONALIZATION PROCESSES

Giobara Tauchen  
Fabíola Machado Guedes  
Keller Rocha Matos

Within the institutional structure of higher learning, especially the universities, it is almost a universal consensus that the internationalization is linked to the qualification processes of this level, as it involves exchange of knowledge, creation of research network, teacher's and student's mobility and development of international research projects. Conceptually, internationalization expresses polysemic meanings that go from experience interaction and scientific research between countries to institutions without borders, international programs and services, educational exchange and technical cooperation, cultural and interaction among others. In this article, we will focus on mobility within the International Pro-Mobility Program promoted by the Coordination of Higher Level Personnel (CAPES), Brazil, together with the Association of Portuguese Language Universities (AULP). We aim to map the countries, institutions and areas supported by the program through a qualitative documentary research and later, through case study, analyze the main activities and perceptions of ten foreign students who participated in the Program in one of the Universities of Southern Brazil. The results indicate that the most expressive activities within the mobility scope were participation in seminars and classes, orientation for in the development of researches, access to library collections, participation in research groups and laboratory activities. We concluded that mobility within the internationalization scope needs to be linked to the institutional internationalization politics for the promotion of infrastructure of the institutions and the strategic planning processes of the reception and the accompany of foreign students linked to this institutional cooperative action. We suggest that the internationalization process that involves mobility should be accompanied by studies of structural competence which can support programs for monitoring and strengthening inter-institutional experiences.

Keywords: Internationalization, mobility, competence, intercultural, higher education.

## Considerações iniciais

A mobilidade estudantil é um fenômeno integrado à história das universidades e à formação superior. Desde a Idade Média (Charle & Verger, 1996), a peregrinação acadêmica era constante, principalmente nas universidades mais reconhecidas como Paris e Bolonha. No entanto, com o advento das guerras, o caráter internacional das instituições entrou em declínio, os professores submeteram-se, gradativamente, ao controle das autoridades locais, reis e príncipes e a Igreja passou a ser contestada. Assim, se na Idade Média as fronteiras não se opunham à circulação dos homens e à validade dos títulos, na contemporaneidade, a mobilidade envolve “[...] uma série de fatores e processos que estão na base do sistema produtivo e no cotidiano das pessoas, englobando todo o sistema de transporte, a gestão desses espaços, as interações espaciais até as dinâmicas geográficas específicas (Castro & Neto, 2012, p. 77). Ou seja, não se trata, apenas, das dinâmicas espaciais de deslocamento, mas de estruturas institucionais, políticas educacionais e culturas.

Com a crescente mobilidade estudantil ocorrendo nas universidades, essas tem que ficar atentas às necessidades que estão emergindo. A demanda vai desde a formação de cidadãos com competências globais, os quais atendam as necessidades do mercado e levando em consideração os fenômenos da globalização, assegurando uma qualidade nos programas firmados com as parcerias internacionais (Stallivieri, 2009). Como ressalta Luce, Fagundes & Mediel (2016, p. 321) “[...] a mobilidade ajuda no processo”, porém ao longo não se pode perder de vistas as prioridades que devem ser alcançadas e os objetivos desejados.

Nesse sentido, Stallivieri (2009) explica que a mobilidade de estudantes fortalece a produção de vínculos transnacionais, formando conexões e redes de produção de conhecimento universal. Ainda, para autora, tais redes intensificam a interação entre comunidades científicas de diferentes partes mundo.

Em relação ao crescimento dos estudantes e a contribuição dos programas de mobilidade, Teichler (2004, p. 9, citado por Souza Jr. 2010, p. 10) afirma que “[...] é uma das formas mais eficientes de se adquirir conhecimento, ter perspectivas mais complexas, pensar comparativamente, expandir horizontes, refletir melhor sobre os temas estudados, e causa avanços de formas inesperadas”.

Para Cunha e Reschke (2016) “a mobilidade estudantil tem sido uma especial modalidade de internacionalização da educação superior no Brasil”. Na pesquisa

realizada pelas autoras, foram entrevistados estudantes que foram beneficiados pelo Programa Ciências sem Fronteiras com bolsas de estudos no exterior ofertadas pelo governo federal. Com base nos relatos dos estudantes, as autoras analisaram que as motivações para realização do intercâmbio são variadas, no entanto, envolvem a necessidade de ampliação das aprendizagens em suas respectivas áreas do conhecimento, buscando principalmente a qualificação para o mercado de trabalho aprimorando seus currículos acadêmicos. Sendo assim,

a possibilidade de uma experiência de estudo em uma universidade estrangeira impacta significativamente a trajetória formativa desses jovens e se constitui numa condição de crescimento pessoal e profissional; trata-se de um poderoso dispositivo de formação (Cunha E Reschke, 2016, p.05).

De acordo com Spears (2014) a mobilidade estudantil oportuniza o acesso a diferentes experiências de ensino, algumas podem vir a ser melhores do que as vivenciadas em seu país de origem, por exemplo. Para o referido autor “estudar no exterior é uma das experiências mais poderosas que um jovem adulto pode ter durante seus anos de formação profissional” (Spears, 2014, p. 158). Desse modo, em seus estudos, Spears (2014) afirma que as experiências estudantis construídas em outros países podem transformar a organização do ensino e da pesquisa das universidades, promovendo processos formativos que potencializam o desenvolvimento de competências interculturais.

Neste sentido, destacamos os estudos de Deardorff (2006), que usou o método Delphi para evidenciar as características das competências interculturais, definindo que havia razoável consenso sobre a centralidade da habilidade de comunicar efetivamente em condições interculturais com base em conhecimentos, capacidades e atitudes, porém persistindo entre os especialistas grande variedade de definições. Segundo Nunes, Vasconcelos e Jaussaud (2008), competência consiste na aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes em contextos com cada vez maior complexidade e menor previsibilidade. Já, o conceito de interculturalidade, entendido como o processo dinâmico consequente do encontro de duas ou mais culturas distintas é, por vezes arriscado, podendo levar a conflitos e problemas relacionados a questões de identidade de diferentes atores participantes destas culturas (DEMORGON, 2002). Assim, competências interculturais são entendidas como habilidades, atitudes e conhecimentos necessários à interação e à comunicação com indivíduos de culturas diferentes (De Beuckelaer, Lievens & Bücker, 2012). Para Hammer, Bennet & Wiseman (2003), as

competências interculturais relacionam-se ao conhecimento, à habilidade e à motivação que permitem aos indivíduos adaptarem-se em ambientes multiculturais.

Imagem 1: dimensões das competências interculturais



Fonte: os autores (inspirado em NETO *et al.*, 2016)

Competências interculturais não representam pacotes de conhecimentos obtidos por meio de um diploma, mas uma capacidade de responder a situações inusitadas (Delange & Pierre, 2007), em que pessoas, de diferentes culturas, podem aprender em conjunto, principalmente em situações de conflito, de adaptação e de reconhecimento mútuo.

### **Mobilidade no âmbito Programa Pró-Mobilidade Internacional CAPES/AULP**

O Programa de parceria universitária Pró-Mobilidade Internacional CAPES/AULP, coordenado pela Diretoria de Relações Internacionais – DRI/CAPES, decorrente do Memorando de Entendimento entre a CAPES e a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), firmado em 2012, seleciona e financia projetos, nas diversas áreas do conhecimento, incentivando a mobilidade docente e

discente internacional entre os países e as instituições participantes da Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP). O Programa teve início em 2012, realizando dois processos seletivos por meio de Editais (2013 e 2014) e duas renovações anuais (2015 e 2016).

Dos 68 projetos apoiados pelo Programa, 25% são coordenados pela Universidade Federal de Minas Gerais, seguido por 8% alocados na Universidade Federal Fluminense. Destacamos que as universidades que coordenam mais de um projeto são a UFMG, UFF, USP, UFG, UFPel, UFRGS, FURG, UFGD, UNESP, UNICAMP, UNISUL e UFPR, as quais coordenam 77% dos projetos financiados pelo Programa.

A distribuição dos projetos nas instituições estrangeiras é destacada em Moçambique, que concentra 50% dos projetos; seguido por Cabo Verde com 25% e Angola com 19%. Em Moçambique, a concentração dos projetos está nas instituições localizadas no sul do país, nomeadamente Eduardo Mondlane (68%) e Universidade Pedagógica (14%). Ao norte do País, a Universidade de Lúrio com 18% dos projetos apoiados. Em Cabo Verde, 88% dos projetos são desenvolvidos na Universidade de Cabo Verde. Em Angola, 46% na Universidade Agostinho Neto. Países como Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe contam com apenas 2 e 1 projeto, respectivamente. Se por um lado os dados demonstram a concentração dos projetos em algumas instituições, por outro, revelam que a internacionalização e a mobilidade vem ocorrendo nas universidades mais antigas e consolidadas de cada país.

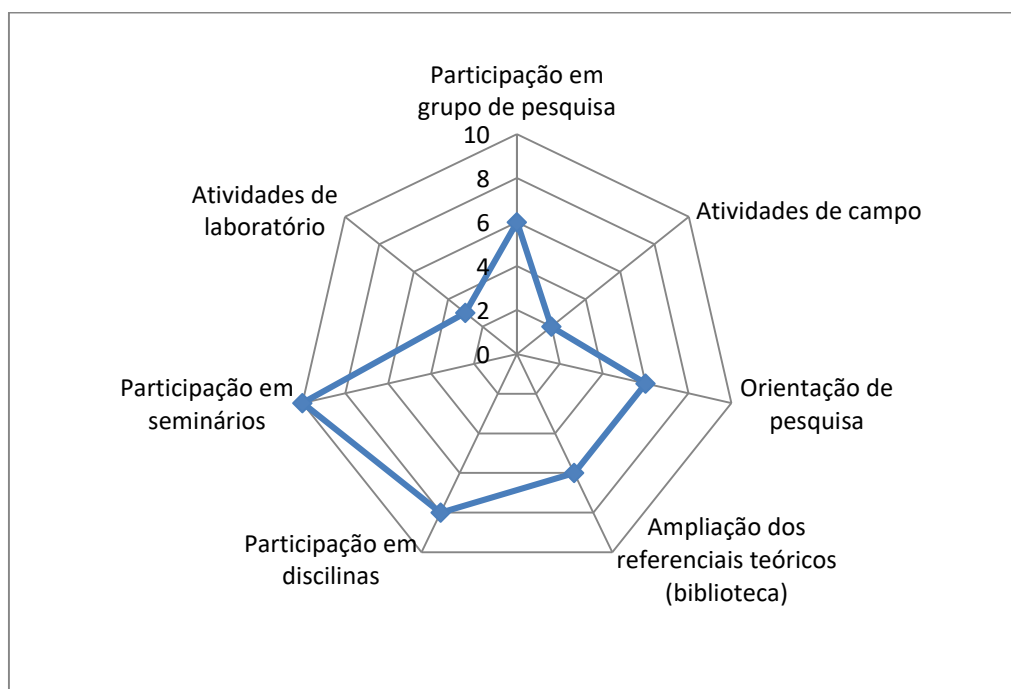
### **Estudo de Caso de dois projetos apoiados pelo Programa**

O estudo que segue tem como foco as experiências e percepções sobre o processo de mobilidade vivenciado pelos estudantes estrangeiros que participaram de dois projetos nos anos de 2013, 2014 e 2015 na Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Destacamos que os projetos, aprovados no âmbito do Programa, estão vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde em associação ampla com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como a sede do Programa é a UFRGS, o cadastro do projeto e o resultado foram divulgados como UFRGS, mas a coordenação e execução ocorrem na FURG, vinculada a Rede de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (REPES) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Epistemologia e Educação em Ciências (NUEPEC). No ano de 2013, iniciamos as atividades de pesquisa

e de cooperação com a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e em 2014, com a Universidade de Cabo Verde (UniCV). Os dados que seguem referem-se à análise de 13 relatórios de estudantes de graduação (G) e de pós-graduação (M ou D) que participaram das ações de mobilidade neste período.

Destacamos, abaixo, as atividades mais citadas pelos estudantes. A maior parte destas vincula-se às experiências formativas de ensino, tais como participação em seminários e disciplinas, seguidas pelas experiências de pesquisa vinculadas à participação nos grupos de pesquisa e orientação dos docentes da instituição. Cabe salientar que todos os estudantes beneficiados com a mobilidade desenvolveram alguma etapa do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, da Dissertação ou da Tese no período da mobilidade.

Gráfico 1: Atividades desenvolvidas pelos estudantes



Fonte: Autoras

Destacamos a importância do acesso aos acervos das bibliotecas para o desenvolvimento das pesquisas, conforme destacado pelos estudantes: “o desenvolvimento do programa de estágio foi favorecido pelo grande acervo bibliográfico disponibilizado na biblioteca da universidade, não contava com tal variedade de bibliografias para consulta na universidade de origem” (G1). Conforme demonstra estudo realizado por Marmolejo (2010, p.2), sobre a internacionalização, “las instituciones en Africa consideran más importante el fortalecimiento de la investigación

y la geración de conocimiento”, pois a história de organização e de consolidação do Sistema de Ensino Superior na maioria dos países, principalmente os lusófonos, é recente e vinculada aos processos de independência. Por outro lado, são limitadas as fontes de financiamento para o desenvolvimento das pesquisas e os altos cursos para a publicação e aquisição dos acervos bibliográficos.

No que se refere à infraestrutura da universidade para a internacionalização, consideraram que “o sistema de transporte interno da Universidade e o alojamento, são também aspectos positivos a referir. As infraestruturas disponíveis eram excelentes” (D1).

Destacaram, também, as possibilidades de interação com docentes que trabalham com áreas específicas, colaborando com o desenvolvimento das pesquisas: “outro fator que trouxe benefício para a pesquisa foi o fato de ter encontrado professores que trabalham especificamente dentro da área em que se desenvolve a pesquisa, pois isso colaborou com o rápido desenvolvimento do trabalho” (G1).

A mobilidade também contribuiu com o fortalecimento da dimensão intercultural da formação universitária: “esse Programa de Mobilidade permite o desenvolvimento de pesquisas, permite fortalecer os conhecimentos através de participação em eventos, seminários, participação em aulas e também pela integração e troca de experiências com outros estudantes, etc.” (G3). Ou seja, a mobilidade contribuiu com a promoção da integração, oportunizando a socialização das identidades culturais e acadêmicas e com mudanças diversas: temporais (antes e depois da experiência da mobilidade); espaciais (a reconfiguração das percepções sobre o Brasil e a oportunidade de socializar a experiência africana); física (clima diferente, alojamento coletivo, hábitos de vida); biológica (horários, rotinas, alimentação); sociais e culturais (valores, atitudes, relações sociais) e psicológicas (motivações, especialmente para o seguimento nos estudos). Conforme expressa um dos estudantes, “foi uma experiência muito gratificante, pois me permitiu observar, com vivências da minha realidade, os mesmos problemas em um contexto diferente, identificar a interferência dos aspectos culturais, bem como aprender outras formas de resolver os problemas identificados” (G4).

Destacamos que, até o início do projeto, a FURG havia recebido apenas um estudante de Cabo Verde para pós-graduação. A partir do Programa, 10 estudantes realizam estudos de mestrado e doutorado. Alguns que participaram da mobilidade; outros que foram influenciados pelos relatos das experiências na universidade.



### **Considerações finais**

Os programas de mobilidades que possibilitam a internacionalização na Educação Superior têm nos mostrado que os resultados presentes vão além das questões políticas e técnicas, mas na promoção de interação e integração de diferentes culturas e sujeitos. Compreendemos que a internacionalização tem como uma das suas dimensões a mobilidade estudantil e que esta possibilita o desenvolvimento de competências interculturais.

Nesta pesquisa, constatamos que o Programa Pró-Mobilidade Internacional e o acesso à educação internacional está possibilitando uma experiência acadêmica intercultural aos estudantes beneficiados. Desse modo, a parceria educacional do Brasil com junto à Associação das Universidades de Língua Portuguesa está promovendo o acesso planejado a mobilidade internacional, uma vez que oportuniza não apenas o envio de estudantes brasileiros para as universidades vinculadas, mas igualmente outros membros da comunidade acadêmica como professores e pesquisadores. Logo, este Programa está incentivando a integração e produção de conhecimento compartilhado entre investigadores das universidades envolvidas levando à atuação em rede entre os docentes e a interação entre os grupos de pesquisas, principalmente, por parte dos estudantes.

Neste sentido, a mobilidade estudantil possibilita o desenvolvimento de, pelo menos, três competências do domínio intercultural descritas por Ramos (2011): competências individuais, interculturais e de cidadania. A primeira relaciona-se com a aprendizagem profissional e técnica nas instituições que recebem os estudantes em mobilidade, envolvendo o desenvolvimento do trabalho cooperativo, o respeito aos saberes e linguagem corporal, por exemplo, evitando comportamentos de intolerância, discriminação e exclusão. A segunda relaciona-se ao equilíbrio emocional, autoeficácia, flexibilidade cognitiva, entre outros aspectos já citados. Por último, mas não menos importante, a participação na cidadania, onde os estudantes podem acessar espaços de participação democrática e serviços. Assim, sugere-se às instituições a identificação de constructos necessários à adaptação e interação de pessoas de diferentes culturas, a estruturação de política e de projetos de internacionalização envolvendo o desenvolvimento de competências interculturais, a identificação das necessidades de desenvolvimento de competências interculturais e a avaliação da efetividade dos programas voltados para o seu incremento.

## Referências

Azevedo, M. L. N., & Catani, A. M. (2013, mai/ago). Educação superior, internacionalização e circulação de ideias: ajustando os termos e desfazendo mitos. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 273-291, recuperado de: < <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/26103/15512>>

Castro, A. A., & Neto, A. C. (2012). O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, 21, p. 69-96.

Charle, C., & Verger, J. (1996). *História das universidades*. São Paulo: UNESP

Cunha, M. I. Da, & Reschke, M. J. D. (2016, jul). Internacionalização da educação e mobilidade estudantil em questão. *Anais da Reunião Científica Regional da ANPED: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais*. Curitiba: Paraná. Recuperado de: [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo8\\_MARIA-ISABEL-DA-CUNHA-MARIA-JANINE-DALPIAZ-RESCHKE.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo8_MARIA-ISABEL-DA-CUNHA-MARIA-JANINE-DALPIAZ-RESCHKE.pdf)

Davel, E., & Ghadiri, P. Gestion du personnel multiculturel. Citado por : Davel, E., Dupuis, J., Chanlat, J. (Org.). (2008). *Gestion en contexte interculturel: approches, problématiques, pratiques et plongées*. Québec : TÉLUQ.

Deardorff, D. K. (2006) Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. *Journal of Studies in International Education*, 10(3), pp. 241–266.

De Beuckelaer, A., Lievens, F., & Bücker, J. (2012) The role of faculty members' cross-cultural competencies in their perceived teaching quality: evidence from culturally-diverse classes in four European countries. *The Journal of Higher Education*, 83(2), pp. 217–248.

Delange, N., & Pierre, P. (2007) Les compétences interculturelles des managers mobiles en entreprise. Citado por: Delange, N. & Pierre, P. *Diversité Culturelle et Dynamique des Organisations*. Paris: L'Hamattan.

Demorgon, J. (2002) *Histoire interculturelle des sociétés*. 2. ed. Paris: Economica.

Dias, M. A. R. (2004). Dez anos de antagonismo nas políticas sobre ensino superior em nível internacional. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 88, pp. 893-914.

Guitel, V. (2006, jan) Intercultural or Cross Cultural Management? The confirmation of the research field and the issue concerning the definition and the development of an intercultural competency for expatriates and international managers. *Revista Economia e Gestão (E&G)*, Belo Horizonte, v.6. n. 12.

Hammer, M. R., Bennet, M. J., & Wiseman, R. (2003). Measuring interculturalsensitivity: the intercultural development inventory. *International Journal of Intercultural Relations*, 27, pp.421–443.

Knight, J. (1993). Internationalization: management strategies and issues. *International Education Magazine*, Ottawa, v. 9, n. 1, p. 6-22.

Luce, M. B.; Fagundes, C. V., & Mediel, O. G. (2016). Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação*, v. 21, n. 2, p. 317-339.

Marmolejo, F. (2010). Internacionalización de la Educación Superior: lo bueno, lo malo y lo inesperado. Recuperado de: <https://www.ugto.mx/internacional/images/pdf/4e.pdf>

Morosini, M. C. (2006) Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. *Educar*, n. 28, pp. 107-124.

Neto, M. G.; Avrichir, I.; Silva, D., & Figueiredo, C. C. (2016). Adaptação e validação de instrumento de medida de competências interculturais para estudantes universitários Brasileiros. *REGE - Revista de Gestão*, n. 23, pp. 20–30.

Nunes, L. H.; Vanconcelos, I. F. G.; Jaussaud, J. (2008). *Expatriação de Executivos*. São Paulo: Thomson Learning.

Ramos, N. (2011). Educar para a interculturalidade e cidadania: princípios e desafios. Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 189-200. Recuperado de: <<http://hdl.handle.net/10316.2/31278>>

Schrodinger, E. (1997). O que é a vida? O aspecto físico da célula viva, mente e matéria, fragmentos autobiográficos; tradução de J. de P. Assis e V. Y. Paula Assis. São Paulo: Editora da UNESP.

Spears, E. (2014). O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 1, p.151-163. Recuperado de: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1026/320>>

Stallivieri, L. (2009). *As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional*. Tese (Doutorado). Programa de Doutorado em Línguas Modernas da Universidad Del Salvador. Buenos Aires/AR. Acordo de Cooperação Internacional firmado com a Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/BR.

Souza Jr., J. M. A. (2010) internacionalização e a mobilidade na Educação Superior: o debate na América Latina. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 10, n. 2, pp. 1-17.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2005). Convenção da Unesco Sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade Cultural. *Convenção da Unesco*, Lisboa.